

## DERRUBANDO PILARES: COMO O RIGOR CIENTÍFICO TRANSFORMOU A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA EM TAV

Sabrina Lopes Martinez\*  
Universidade de Lisboa

RESUMO: A tradução audiovisual (TAV) é hoje uma das vertentes de investigação mais férteis nos Estudos de Tradução. Desde o nascimento da disciplina no âmbito académico nos anos 1990, a TAV passou por quatro viragens principais: a descritiva, a cultural, a sociológica e a cognitiva (Chaume, 2018). Concentrando-se especificamente na modalidade legendagem, este artigo explora as recentes investigações empíricas sobre recepção em tradução audiovisual que, aliadas à tecnologia, transformaram a maneira como a pesquisa em TAV é conduzida. Graças às novas descobertas dessas investigações, diretrizes tradicionais adotadas pela indústria da legendagem estão sendo atualizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução Audiovisual, Legendagem, Estudos de Recepção, Segmentação de Legendas, Velocidade de Leitura e Legendas

### 1. Introdução

No dia 15 de novembro de 2018, a tradução audiovisual (TAV) finalmente ganhou a primeira publicação dedicada exclusivamente a esse campo dos Estudos de Tradução, o *Journal of Audiovisual Translation*.<sup>1</sup> Para os estudiosos da área, tratou-se de um momento histórico, visto que, há menos de duas décadas, a TAV era algo negligenciada pela academia (Díaz-Cintas, 2004). Discutia-se se a disciplina poderia se encaixar no conceito de tradução ou se seria uma espécie de adaptação, dado o seu carácter multimodal. Teorias e conceitos reducionistas de “tradução” e “texto” deixavam de funcionar quando aplicados à tradução audiovisual. Além disso, a dificuldade de obtenção de material (vídeos, listas de diálogo, transcrição das legendas), quase sempre protegidos por direitos autorais, desestimulava os investigadores (Díaz-Cintas, 2004, p. 52).

Em quinze anos, muita coisa mudou. Hoje, a TAV é uma das vertentes de investigação mais férteis nos Estudos de Tradução, a ponto de ser difícil acompanhar todas as publicações da área. O que começou englobando a dublagem, a narração (ou *voice-over*) e a legendagem interlinguística, hoje abrange modalidades como audiodescrição para cegos (AD), legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE), interpretação de línguas de sinais (ou gestual), legendagem ao vivo, supralegendagem (*surtitling*) e a localização de videogames, para citar apenas algumas (Szarkowska e Wasylczyk, 2018).

Os anos 90 do século XX marcaram o nascimento da disciplina no âmbito académico. Segundo Frederic Chaume (2018, p. 56), os estudos, em seu primeiro paradigma metodológico, concentravam-se na explicação do processo de tradução audiovisual, de suas características peculiares, como as restrições de tempo e espaço, e do papel dos agentes envolvidos no processo. De lá para cá, ainda segundo Chaume, a TAV se consolidou

---

\* [sabrina@gtctreinamento.com](mailto:sabrina@gtctreinamento.com)

<sup>1</sup> <http://jatjournal.org/index.php/jat>

como disciplina e passou por quatro viragens principais: a descritiva, a cultural, a sociológica e a cognitiva. Esta última, aliada aos avanços tecnológicos, explora principalmente os processos mentais do tradutor e a recepção do conteúdo audiovisual pelo público espectador.

Desde 2010, as investigações empíricas sobre recepção se multiplicam, e a popularização da tecnologia de fato transformou a maneira como a pesquisa em TAV é conduzida. Ela ganhou rigor científico, passou a lançar mão de forma sistemática de instrumentos como rastreadores oculares (e, mais recentemente, eletroencefalografia e monitores cardíacos) que, aliados a métodos tradicionais de coleta de dados, como questionários e entrevistas, possibilitam uma análise muito mais profunda e precisa – além de complexa – do esforço cognitivo exigido dos espectadores e da forma como se processa o conteúdo audiovisual.

Esse maior rigor científico levou alguns dos principais investigadores do ramo a publicarem um artigo no qual propõem uma padronização metodológica para a pesquisa experimental em tradução audiovisual (Orero et al., 2018). Os autores alertam para o fato de que a natureza multidisciplinar e transdisciplinar da TAV, que adota metodologias de disciplinas como a psicolinguística, a psicologia, o cinema e a ciência cognitiva, exige uma implementação mais criteriosa, e sugerem a parceria do investigador com especialistas de outras áreas, como estatísticos, para auxiliar na análise e interpretação da quantidade significativa de dados que a triangulação de métodos de coleta quantitativa e qualitativa pode gerar. Entre as recomendações do artigo estão: requisitos para uma investigação experimental responsável, como considerações éticas, proteção de dados, seleção de participantes e de material e uso de instrumentos e questionários previamente validados; métodos de investigação que devem ou não ser utilizados;<sup>2</sup> a necessidade de confirmação, replicação e possível generalização dos resultados.

É justamente a falta de sistematização e detalhamento observada nas pesquisas pioneiras que impede sua replicação e confirmação. Diretrizes pétreas da indústria da legendagem, como a “regra dos seis segundos”<sup>3</sup> (D’Ydewalle, Van Rensbergen e Pollet, 1987), foram baseadas em algumas dessas pesquisas, que agora começam a ser postas em dúvida graças a investigações mais amplas e rigorosas, conduzidas com um número maior de participantes e por vezes até transnacionais (Perego et al., 2016).

O presente artigo apresentará uma revisão da literatura dos principais estudos sobre recepção em tradução audiovisual conduzidos a partir de 2010, concentrando-se especificamente na modalidade legendagem e em três parâmetros técnicos – velocidade de leitura, segmentação das legendas e mudanças de plano (*shot changes*) –, e abordará ainda a questão do esforço cognitivo exigido no processamento de legendas, para destacar

---

<sup>2</sup> A pupilometria, medida que já foi utilizada para investigar a recepção em TAV, é desaconselhada, já que as mudanças na luminosidade da tela afetam o diâmetro das pupilas conforme os olhos exploram partes diferentes do vídeo (Orero et al. 2018, p. 114).

<sup>3</sup> Este conceito será aprofundado na subseção 2.2.4.

novas descobertas que podem levar à atualização de diretrizes adotadas pela indústria da legendagem.

## **2. A pesquisa empírica em TAV**

Após um período de investigações experimentais sem muita sistematização e detalhamento (Jensema, Danturthi e Burch, 2000), com pouca preocupação dedicada à validade ecológica dos experimentos, com o uso de material manipulado em excesso (D'Ydewalle, Van Rensbergen e Pollet, 1987) ou de medidas imprecisas de velocidade de leitura, como “mais longas que o habitual”, “mais curtas que o habitual” e “velocidade normal” (Muylaert et al. em Szarkowska e Gerber-Morón, 2018), e da publicação de artigos e livros com orientações de boas práticas a serem seguidas (Díaz-Cintas e Remael, 2007; Ivarsson e Carroll, 1998; Karamitroglou, 1998), que se baseavam principalmente na experiência profissional e no bom senso, a pesquisa empírica em tradução audiovisual vive hoje um momento de consolidação de um arcabouço metodológico comum. Busca-se um rigor científico que garanta a sua integridade, maior credibilidade entre a comunidade científica e contribuições relevantes para o avanço da disciplina e da indústria.

### **2.1 Contribuições das pesquisas pioneiras**

Tudo o que foi exposto acima não equivale a afirmar que as pesquisas pioneiras não tenham dado contribuições importantes para entendermos como se dá a leitura e o processamento das legendas. Várias hipóteses aventadas por essas pesquisas acabaram sendo testadas e confirmadas por estudos mais recentes. Entre elas estão a hipótese da automaticidade (D'Ydewalle e De Bruycker, 2007), segundo a qual olhar para a área das legendas é uma ação pelo menos em parte automática e obrigatória, já que, mesmo quando as legendas (i) estão em um idioma desconhecido pelo espectador, (ii) estão no mesmo idioma do áudio do programa, que por sua vez está na L1 do espectador,<sup>4</sup> ou (iii) o idioma do áudio do programa é desconhecido pelo espectador, mas as legendas estão em sua L1, o simples surgimento das legendas na tela atrai seu olhar.<sup>5</sup> Há também a hipótese da eficácia cognitiva (Lång, 2016; Perego et al., 2010; Perego, Orrego-Carmona e Bottiroli, 2016), segundo a qual a legendagem é uma modalidade de TAV tão eficaz quanto a dublagem ou a narração para a compreensão geral do conteúdo, ao menos quando os espectadores têm familiaridade com a leitura de legendas.

---

<sup>4</sup> Não há 100% de concordância em relação a esta condição. Apesar de vários estudos a terem observado (como por exemplo D'Ydewalle et al., 1991; D'Ydewalle e De Bruycker, 2007), pelo menos em uma investigação essa conclusão não foi confirmada (Kruger, Hefer e Matthew, 2014), ou seja, nem sempre os participantes olharam para a área das legendas. Uma possível interpretação para a discordância seria que, após a curiosidade inicial com as legendas na mesma língua do áudio, o espectador acostuma-se com elas, percebe a redundância de informação e passa a se concentrar apenas no canal de áudio.

<sup>5</sup> O que obviamente não significa que o espectador esteja lendo ou processando o conteúdo das legendas. O padrão de leitura e processamento de legendas é uma questão mais complexa, que será tratada na seção 2.2.2.

Outra hipótese já confirmada é que o padrão de leitura de textos dinâmicos, como o das legendas, é diferente do padrão de leitura de textos estáticos. Enquanto no texto impresso o ritmo de leitura é determinado pelo leitor, que pode inclusive voltar para reler frases e parágrafos, num texto efêmero, que dura alguns segundos e surge sobre um fundo também dinâmico, o leitor precisa adaptar seu ritmo de leitura ao ritmo da apresentação das legendas (Kruger e Steyn 2014, p. 105). E já se sabe que a leitura de legendas se dá de forma fragmentada. Além de o espectador saltar palavras durante a leitura dinâmica, Gambier e Gottlieb (2001, p. xviii) lembram que “[r]eading with constant monitoring gives way to fragmented reading: the viewer jumps from the subtitles to the picture, from one subtitle to another, both running at different speed[s]”.

Também está provado que as legendas interlinguísticas ajudam na aquisição de idiomas estrangeiros (McLoughlin, 2018), que as legendas intralinguísticas auxiliam na alfabetização (Perego, 2016) e que a leitura e o processamento de legendas se dão de forma diferente quando o espectador tem algum conhecimento do idioma do áudio do programa e quando ele depende inteiramente das legendas para entender o conteúdo (Gerber-Morón e Szarkowska, 2018).

Para concluir esta seção, um estudo mais recente que registrou os movimentos oculares de participantes ouvintes, surdos e ensurdecidos revelou uma diferença no processamento das informações (visuais e textuais) por parte do grupo de surdos (Szarkowska et al. 2011, p. 373), o que confirma que as necessidades dos espectadores vulneráveis são diferentes daquelas dos espectadores padrão.

## **2.2 Os pilares abalados**

### **2.2.1 Segmentação de legendas**

Apesar das confirmações abordadas na seção anterior, ainda há pontos polêmicos. O senso comum e as orientações encontradas nos manuais e livros de boas práticas já mencionados na introdução ditam que a estética das legendas, ou seja, a apresentação do texto segmentado tanto interna (distribuição das palavras entre as duas linhas da legenda) como externamente (distribuição das palavras e sentenças entre as legendas) influencia sua leitura. Enquanto a boa segmentação reduziria o esforço cognitivo exigido do espectador (Rajendran et al., 2013), a má segmentação aumentaria consideravelmente o tempo gasto na área da legenda (Díaz-Cintas e Remael, 2007; Ivarsson e Carroll, 1998; Karamitroglou, 1998).

Em um artigo de 2008, Elisa Perego, uma das pesquisadoras mais prolíficas da área, fez uma defesa entusiasmada da importância da boa segmentação interna para uma leitura mais rápida e eficaz das legendas (Perego, 2008). Dois anos depois, a hipótese do artigo de 2008 foi testada pela própria Perego e colegas (Perego et al., 2010) e, surpreendentemente, não se confirmou.<sup>6</sup> O estudo concluiu que uma segmentação interna

---

<sup>6</sup> “I hypothesize that in reading film subtitles – where one repeatedly moves one’s gaze and attention from the action to subtitles and vice versa – it might be important to present coherent blocks of words to film viewers, because linguistically coherent segmentation of text can improve readability” (Perego, 2008, p. 58).

que respeitasse blocos coerentes de significado não teve impacto significativo no processamento das legendas. Os participantes pareceram processar legendas mal e bem segmentadas da mesma forma e com os mesmos resultados (Perego et al., 2010, p. 263).

Apesar disso, estudos mais recentes chegaram à conclusão oposta (Rajendran et al., 2013; Vieira, 2016), como tem acontecido com certa frequência nas investigações sobre recepção em TAV. Um dos motivos fica claro quando analisamos com mais atenção os métodos e materiais utilizados nos três estudos. Em 2010, por exemplo, Perego et al. avaliaram apenas 28 legendas mal segmentadas de um total de 171 num vídeo de 15 minutos de duração. Outra possível razão para as conclusões contraditórias dos diferentes estudos seria que a má segmentação interna das legendas não é um problema tão grave e identificável por leigos quanto a má segmentação externa. E há ainda um terceiro motivo: enquanto Rajendran et al. e Vieira usaram LSE e metodologia diferente da do estudo de Perego et al., a investigação destes últimos utilizou legendas interlinguísticas e participantes não habituados a assistir programas legendados. O fato de os dois estudos partirem de pressupostos diferentes impede a comparação entre ambos e, conseqüentemente, a generalização dos resultados, uma vez que está claro que as necessidades dos diferentes públicos consumidores de legendas não são iguais.

No final de 2018 chegou ao fim o SURE Project (Exploring Subtitle Reading Process with Eye Tracking Technology), que recebeu financiamento do programa de investigação e inovação Horizon 2020 da União Europeia e bolsa Marie Skłodowska-Curie. O objetivo do projeto, de dois anos de duração, “was to experimentally study the subtitle reading process to establish quality indicators on optimum subtitle speed and segmentation” (Szarkowska, 2018, p. 2). Nesse estudo, o mais amplo de que se tem notícia envolvendo a segmentação de legendas, as investigadoras informaram que os espectadores demonstram forte preferência por legendas segmentadas e que participantes de todos os grupos (ouvintes, surdos e ensurdecidos) preferiram legendas de duas linhas e quebras de linha que respeitassem regras semânticas e sintáticas.<sup>7</sup> No entanto, os dados obtidos através do rastreador ocular não confirmaram que as legendas bem segmentadas são sempre processadas de forma mais rápida, o que poderia ser uma indicação de que, de fato, a segmentação interna não influencia tanto a velocidade de leitura e o processamento de legendas.

A segmentação externa das legendas também já foi investigada. D’Ydewalle e De Bruycker (2007) analisaram os movimentos oculares de adultos e crianças ao assistirem a programas de TV legendados. A hipótese dos investigadores era a de que uma legenda de uma linha, por geralmente envolver exclamações e chamamentos curtos, fornece pouca informação além daquela que pode ser inferida pelo áudio e pela imagem. Por isso, não é necessário lê-la com atenção. Para testá-la, eles compararam o comportamento de leitura na condição legendada (com imagens e som) e na condição regular de leitura (sem imagens e som). Como na condição regular de leitura os participantes levaram proporcionalmente

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.slideshare.net/agnieszkaszarkowska/where-to-break-up-a-study-on-line-breaks-in-intralingual-subtitling> (Acesso: 18 nov. 2018).

mais tempo para ler uma linha do que duas linhas – ou seja, o oposto do que tradicionalmente se observa na leitura de legendas –, os autores concluíram que os participantes se adaptam ao tamanho das legendas e prestam mais atenção (dedicam mais tempo) às legendas de duas linhas, que contêm informações mais relevantes para o entendimento do conteúdo, enquanto as legendas de uma linha são lidas mais rapidamente (ou ignoradas) por serem muitas vezes redundantes graças ao complemento da informação pictórica (D'Ydewalle e De Bruycker, 2007, p. 202).

Como observa Kruger (2016), esse estudo de 2007 foi além de simplesmente comparar a atenção dedicada à área das legendas ou à área da imagem. Ao tentar determinar se os participantes liam as legendas palavra por palavra, o estudo distinguiu, pela primeira vez, olhar para as legendas e efetivamente lê-las (Kruger, 2016, p. 280). Isso nos leva à próxima seção, que trata da leitura e do processamento de legendas.

### *2.2.2 Leitura e processamento de legendas*

Embora as investigações de cunho psicolinguístico sobre a eficácia da legendagem com o uso de equipamento de rastreamento ocular tenham começado na década de 1980, na Bélgica, lideradas por Géry d'Ydewalle, foi apenas no já mencionado estudo de 2007 que D'Ydewalle e De Bruycker conseguiram distinguir o simples ato de olhar para a área das legendas da ação e o ato de lê-las e compreendê-las, ainda que de forma rudimentar, sem o detalhamento alcançado nos estudos sobre a leitura de textos estáticos (Kruger, 2016, p. 281). Para descobrir se os adultos e as crianças participantes do estudo liam as legendas de uma forma regular, palavra por palavra, os investigadores calcularam “the number of fixations in the subtitle, the fixation duration, the saccade amplitude, the number of regressive eye movements in the subtitle as well as how often the subtitles were completely skipped<sup>8</sup>” (D'Ydewalle e De Bruycker, 2007, p. 197). Nos estudos anteriores (assim como em alguns que vieram depois), a atenção dedicada à área da legenda geralmente era interpretada como sinal de leitura e processamento eficaz do conteúdo, uma inferência equivocada, como ficou provado. Desde então, inúmeros investigadores tentaram medir a eficácia da leitura e do processamento das legendas. No entanto, a natureza dinâmica e multimodal do texto audiovisual dificulta o uso de métodos comprovadamente eficazes quando aplicados à leitura estática.

Em 2014, Jan-Louis Kruger e Faans Steyn propuseram um índice para a medição da leitura de textos dinâmicos (RIDT<sup>9</sup>) numa tentativa de solucionar o problema. Através da

---

<sup>8</sup> Patrícia Araújo Vieira (2016, p. 39) explica assim o que são “sacadas” e “fixações”: “[N]ossos olhos fazem movimentos curtos e rápidos em torno de 6-9 caracteres (podendo haver variações) caracterizados como sacadas. Dependendo do comprimento do movimento dos olhos, as sacadas duram em torno de 20-50ms para serem concluídas. [...] Esse movimento dos olhos acontece por meio do estímulo visual que é percebido como um borrão. Durante o movimento das sacadas, consoante Reichle et al. (2003) e Rayner (1998), nenhuma informação visual é extraída, entretanto, entre as sacadas, os olhos têm períodos estáveis que duram alguns milissegundos – fixações. E é somente durante esse período curto de estabilidade que alguma informação é extraída”.

<sup>9</sup> Reading Index of Dynamic Texts.

utilização de medidas de rastreamento ocular hoje amplamente utilizadas na investigação de TAV, como fixações e sacadas, o índice é “a product of the number of unique fixations per standard word in any given subtitle by each individual viewer and the average forward saccade length of the viewer on this subtitle per length of the standard word in the text as a whole” (Kruger e Steyn, 2014, p. 110). Descrita assim, a fórmula pode parecer complexa, mas a ideia por trás dela é simples: uma pontuação mais alta em relação ao índice médio de todos os vídeos e de todos os participantes do estudo indica um esforço cognitivo maior por parte do participante. A fórmula do RIDT foi testada e validada no artigo de 2014, “providing researchers with a way to test the impact of factors such as line segmentation, word frequency, and font size on the processing of subtitles” (Kruger e Steyn, 2014, p. 119). No entanto, apesar de promissor e recomendado pelos principais investigadores do ramo no artigo “Conducting Experimental Research in Audiovisual Translation (AVT): a Position Paper” (Orero et al., 2018, p. 114), mencionado na Introdução, salvo engano, o índice ainda não foi aplicado a nenhum estudo relevante no âmbito da tradução audiovisual.

O fato é que o caráter multimodal e a heterogeneidade de públicos consumidores de legendas impossibilitam o uso de apenas um método de coleta de dados em investigações empíricas exploratórias, seja qualitativo ou quantitativo, para que se alcance quaisquer resultados que possam ser replicados e generalizados. Somente a triangulação de métodos quantitativos (rastreador ocular) e qualitativos (questionários e entrevistas) para coletar e analisar dados poderá levar a conclusões robustas (Saldanha e O’Brien, 2014, p. 23).

### 2.2.3 Mudanças de plano

Numa produção audiovisual, a mudança de plano acontece quando o ângulo da câmera muda e uma nova tomada se inicia. A tradição cinematográfica preconiza uma sincronização perfeita entre legendas e tomadas, ou seja, as legendas devem desaparecer, e preferencialmente surgir, de forma sincronizada com os cortes (Ivarsson e Carroll, 1998, p. 75). A justificativa para essa diretriz é que o olho humano nota a falta de sincronia e retorna ao início da legenda por achar que se trata de uma nova, o que perturba a experiência e atrasa a leitura, podendo gerar perda de informação.

No entanto, a edição cada vez mais rápida de vídeos, com tomadas que não chegam a durar nem perto de um segundo,<sup>10</sup> torna impossível e até desaconselhável que essas mudanças de plano sejam respeitadas. Jorge Díaz-Cintas, um dos investigadores mais proeminentes da TAV, chamou a atenção para isso numa entrevista que concedeu ao tradutor Max Deryagin em setembro de 2017:<sup>11</sup>

Another area that needs more research is shot changes in subtitling, including the idea that when a subtitle crosses a shot change, the viewer might move their eyes back to the beginning of the subtitle and start reading again. (...) I still think you need

---

<sup>10</sup> A duração mínima de uma legenda, recomendada pela maioria dos grandes clientes de legendagem, é de um segundo (ou 2/3 de segundo, no caso da Netflix).

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.md-subtitles.com/interview-jorge-diaz-cintas> (Acesso: 12 dez. 2018).

to be careful when subtitling around shot changes, but perhaps it shouldn't be as rigid as people believe. With some guidelines, you almost need a PhD to apply them properly.

É necessário aqui fazer um esclarecimento sobre a diferença entre “mudança de plano” e “mudança/corte de cena”. Um problema que parece óbvio é que uma legenda não respeite uma mudança de *cena*. Se um diálogo acontece no interior de um apartamento, por exemplo, e a cena seguinte é externa, a última fala proferida no apartamento não pode “vazar” para a imagem externa. Quando há simplesmente mudanças de *plano* durante um diálogo que ocorre todo no mesmo ambiente, por exemplo, o fato de as legendas serem sincronizadas tomando o áudio como base e não a sequência de tomadas dificilmente perturbará a experiência do espectador. Ivarsson e Carroll (1998, p. 76), no livro *Subtitling*, deixam isso claro: “A soft cut between different camera angles in the same room or environment or between faces during a dialog can very often be accommodated within the same subtitle, but hard cuts involving a change of time or place should definitely always be respected”.

No livro *Audiovisual Translation: Subtitling* (Díaz-Cintas e Remael, 2007), que se tornou referência na área e é até hoje muito citado em teses e artigos acadêmicos – vindo, de certa forma, a substituir e complementar *Subtitling* (Ivarsson e Carroll, 1998), publicado ainda na era da televisão analógica –, Díaz-Cintas e Remael afirmam não ser recomendável que uma legenda permaneça na tela durante cortes. Segundo os autores:

[t]his recommendation is based in studies on eye movement that have shown that if a subtitle is kept on screen when there is a cut change,<sup>12</sup> the viewer is led to believe that a change of subtitle has also taken place and starts re-reading the same onscreen text. (Díaz-Cintas and Remael, 2007, p. 91)

Essa recomendação é mencionada até hoje por clientes de legendagem para justificar a diretriz de que nenhuma legenda deve permanecer na tela durante uma mudança de plano, apesar de o próprio Díaz-Cintas ter mudado de opinião, como revelou na entrevista já referida, e de estudos mais recentes terem demonstrado que essas mudanças de plano não parecem induzir à releitura nem perturbar a experiência do espectador, como veremos.

Em minha experiência como professora de legendagem desde 2006, raras vezes um aluno reparou nesse aspecto como um problema sem que eu chamasse atenção para ele. Além disso, na prática, como o próprio manual da britânica ITC (Independent Television Commission) ressalva, “it is recognised that the frequency and speed of shot changes in many programmes present serious problems for the subtitler” (Ofcom, 1999, p. 12). De

---

<sup>12</sup> Apesar de o texto mencionar apenas “cut change” neste trecho, que poderia ser traduzido como “mudança” ou “corte” de cena, mais adiante, na mesma página, os autores afirmam que outro estudo da área do Cinema “insists that cut and shot changes must be respected” (Díaz-Cintas e Remael, 2007, p. 91).

fato, dadas as exigências de alguns clientes,<sup>13</sup> apenas um programa informático com reconhecimento automático de mudança de plano, como o EZTitles,<sup>14</sup> cuja versão básica custa em torno de dois mil euros, é capaz de realizar a marcação de tempo nesse caso, pois é virtualmente impossível sincronizar legendas com tal precisão manualmente. E alguns dos efeitos negativos desse tipo de marcação são legendas com tempo de leitura muito reduzido, que desaparecem repentinamente ou antes do fim da fala da personagem, e muitas legendas curtas, com texto excessivamente fragmentado, o que também exige mais agilidade na leitura.

Uma série de experimentos conduzidos em 1999 com o uso de rastreamento ocular examinou como aspectos específicos de programas legendados afetam a leitura. No experimento dedicado às mudanças de plano, amplamente citado em artigos científicos posteriores como prova de que uma sincronização de legendas que desrespeite as mudanças de plano atrapalha a leitura, De Linde e Kay (1999, p. 66) testaram a hipótese de que um programa com uma alta taxa de mudanças de plano perturbaria o comportamento de leitura e provocaria deflexões<sup>15</sup> frequentes para a área da imagem, mais releitura, maior número de regressões<sup>16</sup> e poderia afetar o número de palavras processadas por fixação. Para testar a hipótese, apresentaram aos participantes um programa com uma taxa baixa de mudanças de plano (1,3 por legenda em média) e outro com uma taxa alta de mudanças de plano (3,5 por legenda em média).

Os investigadores observaram que a duração das deflexões foi superior no programa com muitas mudanças de plano, que também gerou uma leitura mais rápida, com mais palavras lidas por fixação. Em relação às regressões, concluíram que elas pareceram refletir os tempos de leitura (mais regressões no programa com mais mudanças de plano, no qual as legendas foram lidas mais rapidamente; menos regressões no outro programa, com leitura mais lenta) e estar mais associadas ao comprimento das legendas do que às mudanças de plano (De Linde e Kay, 1999, p. 67), o que está de acordo com a conclusão de D'Ydewalle e De Bruycker (2007) de que os espectadores adaptam-se ao surgimento de uma legenda com mais conteúdo e demoram-se mais nela.

Finalmente, o estudo concluiu que as mudanças de plano de fato induzem à releitura. No entanto, como apontam Krejtz e colegas numa investigação mais rigorosa conduzida em 2013, há possíveis problemas metodológicos no estudo de De Linde e Kay. A maior quantidade de deflexões no programa com mais mudanças de plano pode estar ligada ao conteúdo do vídeo, que mostrava como um comercial é feito. Além disso, o número de mudanças de plano por legenda era muito superior ao permitido pelos parâmetros profissionais de legendagem – um indício de manipulação excessiva do material utilizado – e o alto número de deflexões obtido não significa necessariamente que os participantes

---

<sup>13</sup> Ver o item 7 (Timing) do documento “Timed Text Style Guide: General Requirements” da Netflix, disponível em: <https://backlothelp.netflix.com/hc/en-us/articles/215758617-Timed-Text-Style-Guide-General-Requirements> (Acesso: 20 nov. 2018).

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.eztitles.com/index.php?page=purchase-online> (Acesso: 24 jan. 2019).

<sup>15</sup> Deslocamento do olhar entre a área das legendas e a área da imagem.

<sup>16</sup> Movimentos oculares regressivos durante a leitura das legendas.

tenham relido as legendas, apenas sugere que eles alternaram o olhar com mais frequência entre a área da legenda e o centro da tela no programa com mais mudanças de plano (Krejtz, Szarkowska e Krejtz, 2013, p. 2).

Por sua vez, o estudo de 2013, referido acima, que rendeu o artigo “The Effects of Shot Changes on Eye Movements in Subtitling”, analisou legendas exibidas durante mudanças de plano e sua possível influência no processo de leitura (Krejtz, Szarkowska e Krejtz, 2013, p. 2). Os autores examinaram os movimentos oculares de 71 participantes surdos, ensurdecidos e ouvintes, que assistiram a trechos de noticiários e documentários. Nos trechos exibidos, todas as legendas respeitaram os padrões profissionais de legendagem, ou seja, permaneceram na tela pelo menos vinte quadros antes e depois da mudança de plano, e todas pertenciam à mesma cena. As medidas de rastreamento ocular analisadas foram: (i) número de participantes que olhavam para o início da legenda antes e depois da mudança de plano;<sup>17</sup> (ii) número de fixações; (iii) duração percentual da fixação; (iv) duração da primeira fixação e (v) matriz de transição (quantidade de transições de fixação dentro e entre as áreas de interesse: início da legenda, restante da legenda e imagem) (Krejtz, Szarkowska e Krejtz, 2013, p. 4).

Embora os resultados tenham indicado mais deflexões da área da legenda para a imagem em legendas que cruzam mudanças de plano dentro da mesma cena, o estudo não registrou evidências conclusivas de que essas legendas são relidas, pois a maioria dos espectadores voltava a ler a legenda de onde havia parado após verificar se houvera alguma mudança na imagem. Esse pode ser um indício do comportamento adaptativo do público a conteúdos audiovisuais legendados, e a investigação, apesar de ter analisado poucas legendas (um total de apenas vinte), é mais uma que questiona diretrizes tradicionais da indústria da legendagem.

#### 2.2.4 Velocidade de leitura

Talvez o parâmetro de medição mais difícil, a “velocidade de leitura”, seja também – e por isso mesmo – o mais investigado. A infinidade de variáveis que influenciam a agilidade com que cada um de nós lê e processa um texto impossibilita a definição de um parâmetro universal de velocidade de leitura de textos dinâmicos, como é o caso das legendas. Podemos citar, entre as variáveis demográficas e sociológicas, faixa etária, grau de escolaridade, hábito de assistir à programação legendada e grau de conhecimento da língua de partida do áudio do programa. Entre as variáveis técnicas estão sincronização (ou não) das legendas com as mudanças de plano, segmentação interna e externa, tamanho, estilo, cor e contorno da fonte. E, entre as variáveis linguísticas, segmentação do texto entre linhas e legendas, registro, frequência lexical, clareza e qualidade do texto traduzido, por exemplo.

Principalmente por esse motivo, notam-se muitas discrepâncias nos resultados de investigações envolvendo velocidade de leitura, e, se a distância entre os estudos

---

<sup>17</sup> Em inglês: *subject hit count*.

científicos e as práticas adotadas pela indústria já é grande, no caso desse parâmetro ela é ainda maior. Para atestar isso, basta analisarmos a famosa “regra dos seis segundos”, uma diretriz muito antiga,<sup>18</sup> segundo a qual uma legenda “cheia” (com duas linhas de 32 toques ou batidas) deve permanecer na tela durante seis segundos para que os telespectadores tenham tempo de lê-la por completo. Em caracteres por segundo (cps), a regra traduzia-se originalmente em 10,5cps, velocidade que já não é respeitada pela indústria da legendagem no contexto da língua portuguesa há décadas. Em 2007, Díaz-Cintas recalculou a regra usando 37 toques por linha de legenda, um parâmetro mais atualizado, e chegou a 12cps. Mesmo assim, esse valor ainda não condiz com a realidade da indústria. As velocidades máximas de leitura indicadas atualmente nos guias de estilo dos grandes clientes de legendagem variam entre 15cps e 20cps para adultos e 10cps a 13cps para crianças.

Apesar dessa discrepância, a maioria das investigações envolvendo o parâmetro da velocidade de leitura continua a tomar como base a regra dos seis segundos. Em um artigo de 2014, José Luis Martí Ferriol fez um levantamento dos diferentes tempos de exposição ideais propostos por estúdios de cinema, canais de televisão, acadêmicos e professores de legendagem e mostrou que eles variavam entre 10cps<sup>19</sup> e 17cps. Segundo Martí Ferriol (2014, p. 408, grifo meu): “the ‘6 second rule’ seems to be the most accepted one among viewers”, mas a afirmação não é acompanhada por evidências empíricas.

As dificuldades de medição da velocidade de leitura refletem-se na interpretação de resultados das pesquisas por parte de alguns acadêmicos. Em um artigo de 2017, Jan Pedersen cita estudos que indicariam que, a uma velocidade de 15cps, os espectadores passariam em média dois terços do tempo com o olhar fixado na área das legendas. Se a velocidade aumenta para 16,5cps, eles passariam 80% do tempo olhando para as legendas, o que significa que sobraria apenas 20% do tempo para apreenderem as informações visuais não textuais. Uma das fontes mencionadas por Pedersen é um artigo de Pablo Romero-Fresco<sup>20</sup> que, trabalhando com LSE, ou seja, um público que em geral lê mais lentamente do que o espectador padrão, chegou a cálculos um pouco diferentes dos informados por Pedersen. Segundo Szarkowska e Gerber-Morón (2018), quando as legendas são apresentadas a uma velocidade de 120 palavras por minuto, o que corresponde a 10-11cps, os telespectadores passam 40% do tempo na área da legenda e 60% na área da imagem. Com uma velocidade mais alta (17-18cps), a proporção passa para 80% na área da legenda e 20% na área da imagem (Szarkowska e Gerber-Morón, 2018, p. 25).

---

<sup>18</sup> Num estudo de 1987, que testou e confirmou a regra, os próprios autores admitem que “[n]obody seems to know how the six-second rule was arrived at” (D’Ydewalle, Van Rensbergen e Pollet, 1987, p. 313).

<sup>19</sup> Na Bélgica, país bilíngue que exhibe conteúdo legendado em dois idiomas simultaneamente, o que justificaria um tempo de exposição tão baixo. Vale lembrar que foi também na Bélgica que D’Ydewalle et al. calcularam a “regra dos seis segundos”, que acabou por se tornar universal apesar de ter sido definida num país com uma situação tão singular.

<sup>20</sup> Não conseguimos obter acesso ao referido artigo.

Numa investigação que comparou a recepção de conteúdo dublado e legendado, e trabalhando com legendas interlinguísticas, os autores observaram que o percentual de tempo dedicado à área da legenda depende da natureza do produto audiovisual e aumenta de acordo com a complexidade do programa (Perego, Orrego-Carmona e Bottiroli, 2016). Desta vez, temos um estudo empírico, que explorou a recepção cognitiva, avaliativa e visual de programas dublados e legendados usando métodos de coleta qualitativa (questionários) e quantitativa (rastreamento ocular) de dados, com detalhamento dos procedimentos e do material utilizados e do perfil dos participantes. No estudo 1, com conteúdo menos complexo (comédia dramática libanesa), os investigadores observaram que o tempo gasto na área das legendas foi de 27,29% do total, ao passo que, no estudo 2, com conteúdo mais complexo (série britânica *Sherlock*), foi de 43,76%. Apesar de o artigo não informar o tempo de exposição das legendas dos dois experimentos,<sup>21</sup> um dado que sem dúvida afeta a quantidade de tempo dedicado à área da legenda, os autores concluem que “the fact that viewers in both conditions make longer and more frequent fixations on the image area of the screen disproves the idea that the viewers’ eyes spend most of the watching time reading subtitles” (Perego, Orrego-Carmona e Bottiroli, 2016, p. 264).

Como os três últimos exemplos apresentados deixam claro, a metodologia utilizada, o público participante dos experimentos e a própria interpretação dos dados impossibilitam a generalização de resultados.

O já mencionado Projeto SURE também investigou a velocidade de leitura de legendas através de dois experimentos. No primeiro, os participantes (poloneses, ingleses e espanhóis) assistiram a vídeos legendados num idioma desconhecido por eles (húngaro), com legendas apresentadas em três velocidades diferentes: baixa (12cps), média (16cps) e alta (20cps). No segundo experimento, os participantes assistiram a vídeos com áudio original em inglês e legendados em polonês, inglês e espanhol, e duas velocidades de leitura foram testadas: lenta (12cps) e rápida (20cps). Essa investigação ampla e rigorosa, que lançou mão da tecnologia do rastreamento ocular, de questionários e entrevistas com um total de 97 participantes de três nacionalidades, entre ouvintes, surdos e ensurdecidos, chegou a resultados que desafiam algumas das diretrizes baseadas no senso comum que se perpetuaram na indústria da legendagem.

Um deles trata do percentual de tempo gasto na área da legenda. No experimento 1, na condição lenta, os participantes passaram em média metade do tempo lendo as legendas e a outra metade vendo as imagens. Na condição rápida, a proporção passou para dois terços (legendas) contra um terço (imagens). No experimento 2, possivelmente porque os participantes tinham domínio do idioma original (inglês), nas duas condições eles dedicaram metade do tempo à área da legenda (Szarkowska e Gerber-Morón, 2018, p. 25). Esses resultados estão mais próximos das proporções calculadas por Perego, Orrego-Carmona e Bottiroli (2016), e não confirmam os cálculos de Romero-Fresco.

---

<sup>21</sup> Os autores apenas informam que usaram as traduções oficiais feitas por profissionais, que não foram manipuladas.

Outro pilar que foi seriamente abalado pelas conclusões do Projeto SURE foi a “regra dos seis segundos”. Ao contrário do que se acreditava, legendas que respeitavam a regra, ou seja, que foram exibidas a uma velocidade de 12cps (atualmente considerada lenta), levaram a mais releitura, o que pode resultar em confusão e frustração. No caso dos vídeos com áudio em inglês e legendas na L1 dos participantes, eles notaram discrepâncias entre o diálogo original e o conteúdo das legendas, o que é natural, já que, para que não ultrapasse o limite de 12cps, o texto precisa ser muito condensado.

O estudo sobre velocidade de leitura concluiu ainda que, quando os espectadores têm proficiência no idioma original do programa, preferem legendas menos condensadas e conseguem acompanhá-las a velocidades consideradas elevadas (20cps). Quando os espectadores assistem a um programa num idioma desconhecido, preferem que as legendas sejam mais condensadas e apresentadas a uma velocidade mais lenta.

### 3. Conclusão

Com a onipresença do conteúdo audiovisual num mundo digital e cada vez mais conectado, a legendagem ganha relevância e visibilidade. Além disso, novos hábitos de consumo, novos atores que surgem no mercado (Netflix, Amazon Prime) e principalmente novas práticas, como a legendagem feita por fãs (já não tão recente assim), levam-nos a testemunhar um aumento da velocidade de exibição das legendas. As investigações acadêmicas tentam, mas é difícil acompanhar o ritmo das mudanças tecnológicas que ocorrem no âmbito da indústria audiovisual.

Os primeiros resultados de investigações que buscam atualizar parâmetros técnicos que foram calculados e definidos ainda na época da televisão analógica e sem os recursos tecnológicos disponíveis atualmente começam a surgir e, como vimos, alguns deles deram contribuições relevantes para desmistificar algumas crenças que se perpetuam no mercado da legendagem para televisão, Blu-ray e, mais recentemente, o *streaming*. O Projeto SURE, por exemplo, possui limitações, como a manipulação das diferentes velocidades de leitura, o que comprometeu a sincronia das legendas, e o perfil dos participantes (“relatively well-educated and proficient in English”) (Szarkowska, 2018, p. 9). Mas limitações sempre existirão e de forma alguma invalidam as contribuições das pesquisas. O importante é que experimentos detalhados e rigorosos como os conduzidos ao longo do Projeto SURE sejam replicados com outros idiomas, participantes e com material mais variado, longo e menos manipulado.

Com o atual predomínio de pesquisas conduzidas em regiões da Europa consideradas “países de dublagem”, como Itália e Espanha, “países de *voice-over*”, como Polônia, ou “países de língua-fonte”, como Reino Unido, África do Sul, Austrália e Estados Unidos, na nomenclatura de Gottlieb (1998, p. 244), faltam investigações que envolvam os “países de legendagem”, como é o caso de Portugal, ou comparem duas realidades diferentes no contexto de um mesmo idioma, como Portugal e Brasil. Este último pode ser considerado “misto”, uma vez que o conteúdo audiovisual estrangeiro veiculado na televisão aberta é

dublado, ao passo que, na televisão fechada (a cabo ou via satélite) e no cinema, exhibe-se conteúdo estrangeiro legendado e dublado.

## REFERÊNCIAS

- Chaume, F. (2018) 'An overview of audiovisual translation: four methodological turns in a mature discipline', *Journal of Audiovisual Translation*, 1(1), pp. 40-63. Disponível em: [10.47476/jat.v1i1.43](https://doi.org/10.47476/jat.v1i1.43).
- D'Ydewalle et al. (1991) 'Watching subtitled television: automatic reading behavior', *Communication Research*, pp. 650-666. Disponível em: [10.1177/009365091018005005](https://doi.org/10.1177/009365091018005005).
- D'Ydewalle, G. and De Bruycker, W. (2007) 'Eye movements of children and adults while reading television subtitles', *European Psychologist*, 12(3), pp. 196-205. Disponível em: [10.1027/1016-9040.12.3.196](https://doi.org/10.1027/1016-9040.12.3.196).
- D'Ydewalle, G., Van Rensbergen, J. and Pollet, J. (1987) 'Reading a message when the same message is available auditorily in another language: the case of subtitling', *Eye movements: from physiology to cognition*, pp. 313-321.
- Díaz-Cintas, J. (2004) 'Subtitling: the long journey to academic acknowledgement', *The Journal of Specialised Translation*, (1), pp. 50-70.
- Díaz-Cintas, J. and Remael, A. (2007) *Audiovisual translation: subtitling*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Gambier, Y. and Gottlieb, H. (2001) 'Multimedia, multilingua: multiple challenges', in Gambier, Y. and Gottlieb, H. (ed.) *(Multi)media translation: concepts, practices, and research*. Amsterdam: John Benjamins, pp. viii-xx.
- Gerber-Morón, O. and Szarkowska, A. (2018) 'Line breaks in subtitling: an eye tracking study on viewer preferences', *Journal of Eye Movement Research*, 11(3), pp. 1-22. Disponível em: [10.16910/jemr.11.3.2](https://doi.org/10.16910/jemr.11.3.2).
- Gottlieb, H. (1998) 'Subtitling' in Baker, M. (ed.) *Routledge encyclopedia of Translation Studies*. Londres: Routledge, pp. 244-248.
- Ivarsson, J. and Carroll, M. (1998) *Subtitling*. Simrishamn: TransEditHB.
- Jensema, C., Danturthi, R. S. and Burch, R. (2000) 'Time spent viewing captions on television programs', *Am Ann Deaf*, pp. 464-468.
- Karamitroglou, F. (1998) 'A proposed set of subtitling standards in Europe', *Translation Journal*, 2(2). Disponível em: <https://translationjournal.net/journal/04stndrd.htm> (Acesso: 12 nov. 2018).
- Krejtz, I., Szarkowska, A. and Krejtz, K. (2013) 'The effects of shot changes on eye movements in subtitling', *Journal of Eye Movement*, 6(5), pp. 1-12. Disponível em: [10.16910/jemr.6.5.3](https://doi.org/10.16910/jemr.6.5.3).
- Kruger, J. L. (2016) 'Psycholinguistics and audiovisual translation', *Target*, 28(2). Disponível em: [10.1075/target.28.2.08kru](https://doi.org/10.1075/target.28.2.08kru).
- Kruger, J. L., Hefer, E. and Matthew, G. (2014) 'Attention distribution and cognitive load in a subtitled academic lecture: L1 vs. L2', *Journal of Eye Movement Research*. Disponível em: [10.16910/jemr.7.5.4](https://doi.org/10.16910/jemr.7.5.4).
- Kruger, J. L. and Steyn, F. (2014) 'Subtitles and eye tracking: reading and performance', *Reading Research Quarterly*, 49(1), pp. 105-120. Disponível em: [10.1002/rrq.59](https://doi.org/10.1002/rrq.59).

- Lång, J. (2016) 'Subtitles vs. narration: the acquisition of information from visual-verbal and audio-verbal channels when watching a television documentary' in Hansen-Schirra, S. and Grucza, S. (ed.) *Eye-tracking and applied linguistics*. Berlin: Language Science Press, pp. 59-82. Disponível em: [10.17169/langsci.b108.235](https://doi.org/10.17169/langsci.b108.235).
- De Linde, Z. and Kay, N. (1999) *The semiotics of subtitling*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Martí Ferriol, J. L. (2014) 'Subtitle reading speed: a new tool for its estimation', *Babel*, 59(4), pp. 406-420. Disponível em: [10.1075/babel.59.4.02mar](https://doi.org/10.1075/babel.59.4.02mar).
- McLoughlin, L. I. (2018) 'Audiovisual translation in language teaching and learning' in Pérez-González, L. (ed.) *The Routledge handbook of audiovisual translation*. London: Routledge, pp. 483-497. Disponível em: [10.4324/9781315717166-30](https://doi.org/10.4324/9781315717166-30).
- Ofcom (1999) 'ITC guidance on standards for subtitling'. Disponível em: [http://www.ofcom.org.uk/static/archive/itc/itc\\_publications/codes\\_guidance/standards\\_for\\_subtitling/index.asp.html](http://www.ofcom.org.uk/static/archive/itc/itc_publications/codes_guidance/standards_for_subtitling/index.asp.html) (Acesso: 10 nov. 2018).
- Orero, P. et al. (2018) 'Conducting experimental research in audiovisual translation (AVT): a position paper', *The Journal of Specialised Translation*, 30, pp. 105-126.
- Pedersen, Jan. (2017) 'The FAR model: assessing quality in interlingual subtitling', *The Journal of Specialised Translation*, 28, pp. 210-229. Disponível em: [http://www.jostrans.org/issue28/art\\_pedersen.pdf](http://www.jostrans.org/issue28/art_pedersen.pdf).
- Perego, E. (2008) 'What would we read best? Hypotheses and suggestions for the location of line breaks in film subtitles', *The Sign Language Translator and Interpreter*, 2(1), pp. 35-63.
- Perego, E. (2016) 'History, development, challenges and opportunities of empirical research in audiovisual translation', *Across Languages and Cultures*, 17(2), pp. 155-162. Disponível em: [10.1556/084.2016.17.2.1](https://doi.org/10.1556/084.2016.17.2.1).
- Perego, E. et al. (2010) 'The cognitive effectiveness of subtitle processing', *Media Psychology*, 13(3), pp. 243-272. Disponível em: [10.1080/15213269.2010.502873](https://doi.org/10.1080/15213269.2010.502873).
- Perego, E. et al. (2016) 'Is subtitling equally effective everywhere? A first cross-national study on the reception of interlingually subtitled messages', *Across Languages and Cultures*, 17(2), pp. 205-229. Disponível em: [10.1556/084.2016.17.2.4](https://doi.org/10.1556/084.2016.17.2.4).
- Perego, E., Orrego-Carmona, D. and Bottiroli, S. (2016) 'An empirical take on the dubbing vs. subtitling debate. An eye movement study', *Lingue e Linguaggi*, pp. 255-274. Disponível em: [10.1285/I22390359V19P255](https://doi.org/10.1285/I22390359V19P255).
- Rajendran, D. J. et al. (2013) 'Effects of text chunking on subtitling: a quantitative and qualitative examination', *Perspectives: Studies in Translatology*, 21(1), pp. 5-21.
- Saldanha, G. and O'Brien, S. (2014) *Research methodologies in Translation Studies*. New York: Routledge. Disponível em: [10.1080/0907676X.2015.1109906](https://doi.org/10.1080/0907676X.2015.1109906).
- Szarkowska, A. (2018) 'Report on the results of the SURE Project study on subtitle speeds and segmentation', pp. 1-16.
- Szarkowska, A. et al. (2011) 'Verbatim, standard, or edited?: reading patterns of different captioning styles among deaf, hard of hearing, and hearing viewers', *American Annals of the Deaf*, 156(4), pp. 363-378. Disponível em: [10.1353/aad.2011.0039](https://doi.org/10.1353/aad.2011.0039).
- Szarkowska, A. and Gerber-Morón, O. (2018) 'Viewers can keep up with fast subtitles: evidence from eye movements', *PLoS ONE*, 13(6), pp. 1-30. Disponível em: [10.1371/journal.pone.0199331](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0199331).
- Szarkowska, A. and Wasylczyk, P. (2018) 'Five things you wanted to know about audiovisual translation research, but were afraid to ask', *Journal of Audiovisual Translation*, 1(1),

Martinez, S. – Derrubando pilares

*Translation Matters*, 3(1), 2021, pp. 139-154, DOI: [https://doi.org/10.21747/21844585/tm3\\_1a9](https://doi.org/10.21747/21844585/tm3_1a9)

pp. 8-25. Disponível em: 10.47476/jat.v1i1.41.

Vieira, P. A. (2016) 'A influência da segmentação e da velocidade na recepção de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE)', tese de doutoramento, Universidade Estadual do Ceará.

**Sobre a autora:** Mestre em Tradução, Sabrina Martinez é tradutora e revisora de legendas desde 1995, professora de Tradução Audiovisual da PUC-Rio, da UCP e de cursos livres de legendagem. Foi tradutora interna da Globosat até 1998, fundou a Gemini Media em 1999 e hoje atua como *freelancer* no mercado brasileiro e estrangeiro.